



20 ANOS DE OPINIÃO PÚBLICA em Portugal e na Europa

Comentários

Alice Ramos
Cícero Roberto Pereira
José Barreto
José Tavares
Maria José Chambel
Pedro Magalhães
Sofia Aboim

Prefácio

António Barreto

Apresentação

Pedro Magalhães



portal de
opinião
pública

www.pop.pt



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 111
1099-081 Lisboa
Telf: 210 015 800
ffms@ffms.pt

© Fundação Francisco Manuel dos Santos,
Julho de 2013

Director de Publicações: António Araújo

Título: 20 Anos de opinião pública em Portugal e na Europa

Autores: Alice Ramos
Cícero Roberto Pereira
José Barreto
José Tavares
Maria José Chambel
Pedro Magalhães
Sofia Aboim

Pedro Magalhães escreve segundo o novo acordo ortográfico

Revisão do texto: Helder Guégués

Fotografia de Alfredo Cunha

Design: Guidesign

Paginação: Guidesign

ISBN: 978-989-8662-31-6

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade do autor e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada ao autor e editor.

***www.pop.pt* é um projecto da Fundação Francisco Manuel dos Santos, em parceria com o ICS**

ÍNDICE

- 4 Prefácio
As opiniões contam!
António Barreto
- 5 **Apresentação**
Pedro Magalhães
- 6 **O indivíduo**
O indivíduo a olhar para si próprio
Cícero Roberto Pereira
- 12 **A família**
Família e atitudes sociais: Portugal no contexto europeu
Sofia Aboim
- 18 **Os grupos sociais**
A simpatia também é social
Alice Ramos
- 26 **O trabalho**
Centralidade e valores do trabalho
Maria José Chambel
- 31 **A religião**
Panorama da religião na Europa e em Portugal
José Barreto
- 37 **A economia**
Da Vida dos Dados
José Tavares
- 47 **A política**
Nem Portugal, nem Europa
Pedro Magalhães
- 53 **Referências biográficas**



Os grupos sociais

A simpatia também é social

Alice Ramos

Desde cedo que os grupos se tornam referências importantes nas nossas vidas. Identificamo-nos com uns e não com outros; construimos opiniões sobre uns e outros; avaliamos as acções de uns e de outros. A este processo não é alheia a importância que, nas sociedades democráticas, assume o valor do igualitarismo, o respeito pelos direitos humanos e pela diferença. Contudo, nestas sociedades, como noutras, as pessoas continuam a desenvolver sentimentos negativos face a indivíduos, única e simplesmente por fazerem parte de um determinado grupo.

Se, por um lado, pesquisa já realizada tem mostrado que o contacto com o Outro pode ser um factor importante para a construção de sentimentos de simpatia (e também de empatia), por outro, tem também sido demonstrado que a construção de sentimentos negativos, de antipatia social, está fortemente associada à emergência do preconceito e da discriminação e gera barreiras sociais que podem criar implicações negativas em diferentes dimensões da vida social.

Aquilo que nas ciências sociais costumamos chamar preconceito é uma atitude negativa sobre pessoas e grupos. Dizemos que não somos preconceituosos, mas escolhemos as nossas companhias. E quando não escolhemos alguém por causa da cor da pele, ou por causa da religião, ou porque tem comportamentos que consideramos social ou moralmente reprováveis, o que estamos a fazer é a regular a presença do Outro no nosso meio envolvente.

A diversidade e heterogeneidade é cada vez maior, particularmente nas sociedades europeias. Os movimentos migratórios, a diversidade religiosa e cultural, a presença de identidades contrastantes geram situações e cenários que obrigam os indivíduos a colocar-se e recolocar-se a

si próprios, em termos de identidades e da definição que constroem do ‘nós’ e do ‘outro’. E, no decorrer deste processo, vão-se construindo sentimentos ora mais negativos, ora mais positivos.

O Portal de Opinião Pública inclui um conjunto de dados que permite saber quais os grupos que cidadãos de 27 países europeus preferem não ter no seu meio envolvente. Resultam da resposta a uma bateria de questões, do European Values Study, em que os inquiridos indicaram os grupos sociais que não queriam ter como vizinhos. Pesquisa já realizada no Instituto de Ciências Sociais com base nestes mesmos dados mostra que os inquiridos tendem a classificar estas pessoas em dois grandes grupos: os que são vistos como tendo comportamentos social ou moralmente reprováveis (grupos estigmatizados); os que são vistos como pertencendo a raça ou grupo étnico diferente (grupos racializados). Estes grupos não só são percebidos como diferentes, como são alvo de diferentes níveis de preconceito, sendo os primeiros os mais rejeitados.

Seleccionámos um grupo representante de cada categoria: homossexuais, como exemplo de um grupo estigmatizado, e imigrantes, como exemplo de um grupo racializado. São dois grupos que, por razões muito diferentes, têm uma exposição social e mediática muito grande.

Em Portugal, e também noutros países europeus, é frequente no discurso do cidadão comum ouvirmos a ideia de que os imigrantes tiram o trabalho, que fazem baixar os salários, que abusam da ‘nossa’ segurança social, que contribuem para o aumento da criminalidade. No cidadão comum, esta percepção foi sendo construída paulatinamente com base no que se ouve e, também no que se vê, por exemplo nas imagens que muito frequentemente acompanham reportagens televisivas sobre crime, violência ou droga. Contudo, estudos recentes publicados pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) têm vindo a mostrar o contrário.

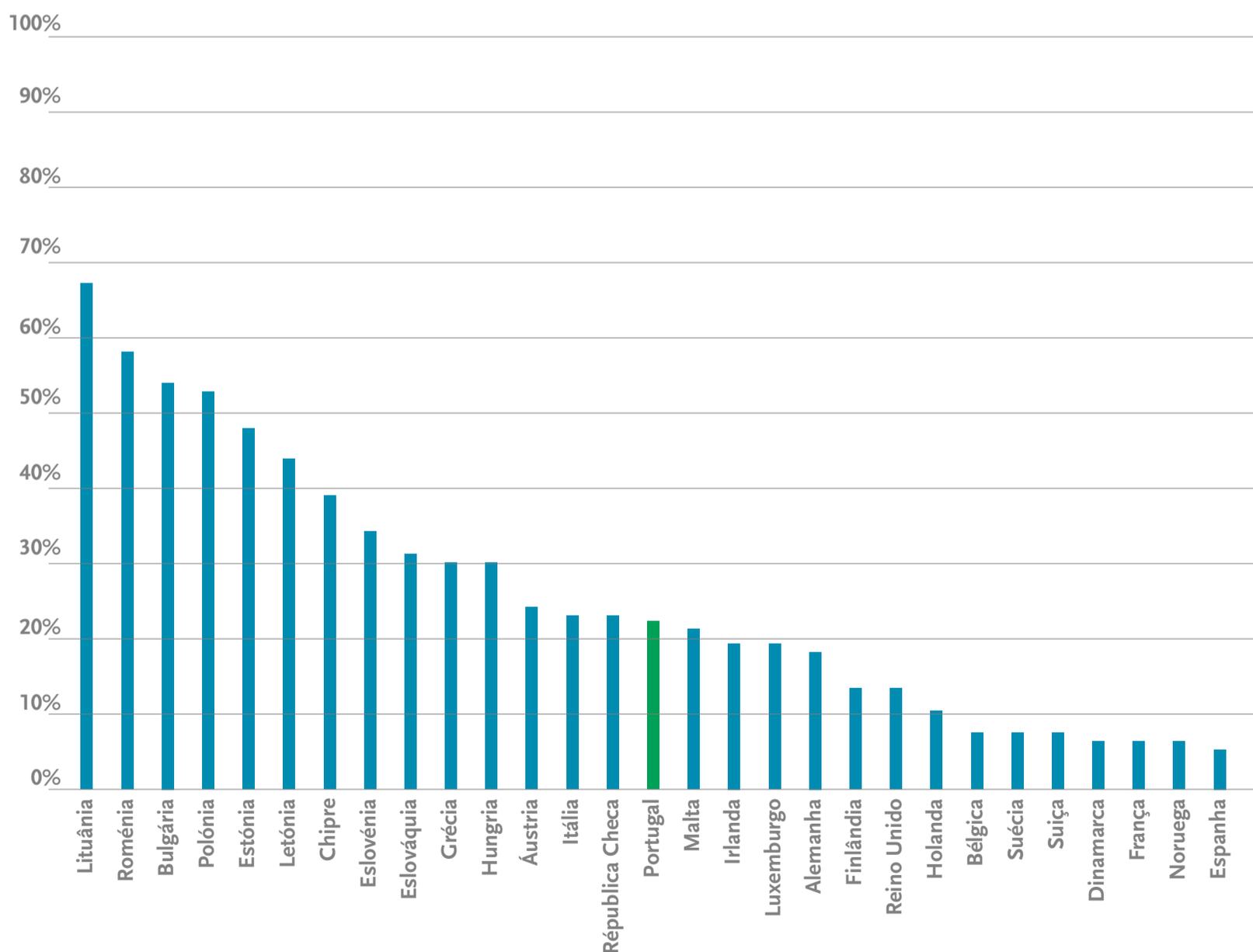
Também no discurso do senso comum podemos ouvir comentários pouco simpáticos dirigidos aos homossexuais e os relatos de discriminação no trabalho ou *bullying* nas escolas associados à orientação sexual são ainda frequentes. Um estudo realizado no ISCTE-IUL revelou que 40% dos jovens entre os 12 e os 20 anos que eram homossexuais, bissexuais

ou que ainda não tinham bem definida a sua orientação sexual tinham sido vítimas de *bullying* homofóbico.

Qual é, então, a disposição dos portugueses, comparativamente a cidadãos de outros países europeus, para incluir no seu meio envolvente pessoas pertencentes a estes dois grupos?

Podemos considerar três grandes grupos com base na leitura do gráfico 1: os países da Europa Oriental, a que se juntam Chipre e a Grécia, são aqueles onde os inquiridos se revelaram mais preconceituosos relativamente aos homossexuais; segue-se o grupo de que Portugal faz parte e, por fim, o grupo de países que manifestam menos preconceito relativamente a este grupo, constituído pelos países do Norte da Europa, aos quais se junta a França e a Espanha. Portugal está, portanto, numa situação intermédia.

Gráfico 1A Não gostaria de ter como vizinhos: homossexuais (2008/2009) (%)

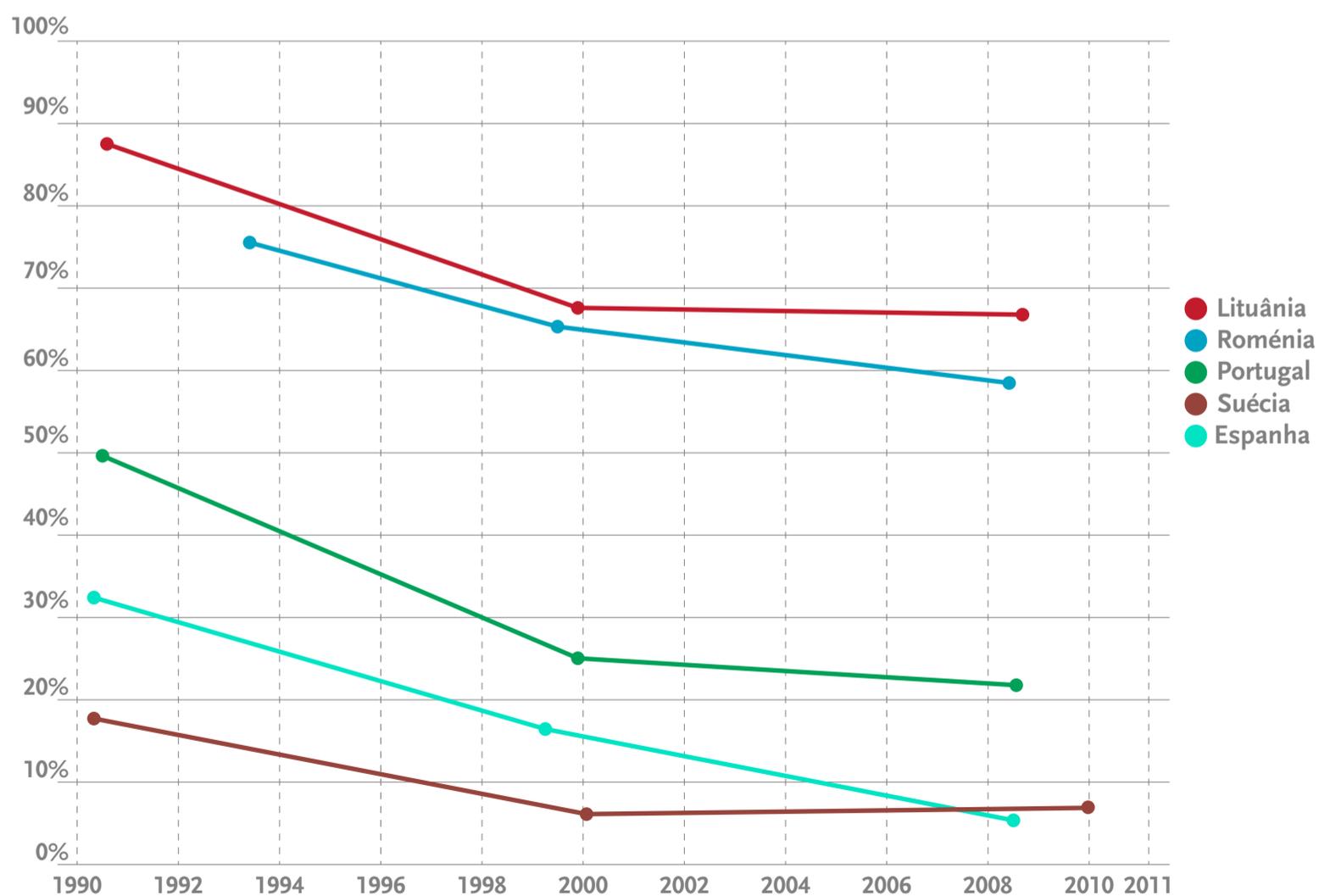


Fonte European Values Study

Mas, talvez mais interessante do que a posição relativa de Portugal no conjunto dos 27, é a transformação em alguns países se operou entre 1990 e 1999. Optámos por não apresentar dados para todos os países por uma questão de clareza na apresentação dos resultados. Assim, além de Portugal, seleccionámos os dois países que, em 2008/2009, manifestaram maior distância social e os dois que manifestaram menor distância social. Em 1990, 50% dos inquiridos portugueses tinham mencionado os homossexuais como um grupo a manter à distância; em 1999 aquele valor passa para 25%. A tendência continua a ser no sentido decrescente, mas muito menos acentuada, atingindo em 2008 22%. Também a Lituânia tem uma evolução semelhante (uma quebra de 20% entre 1990 e 1999, e uma tendência para a estabilidade durante a década seguinte). Noutros, como por exemplo a Espanha e a Roménia, o decréscimo de rejeição tem sido uniforme. De forma mais ou menos acentuada, a mudança tem o mesmo sentido em todos os países, mesmo nos restantes 22 que não estão representados no gráfico.



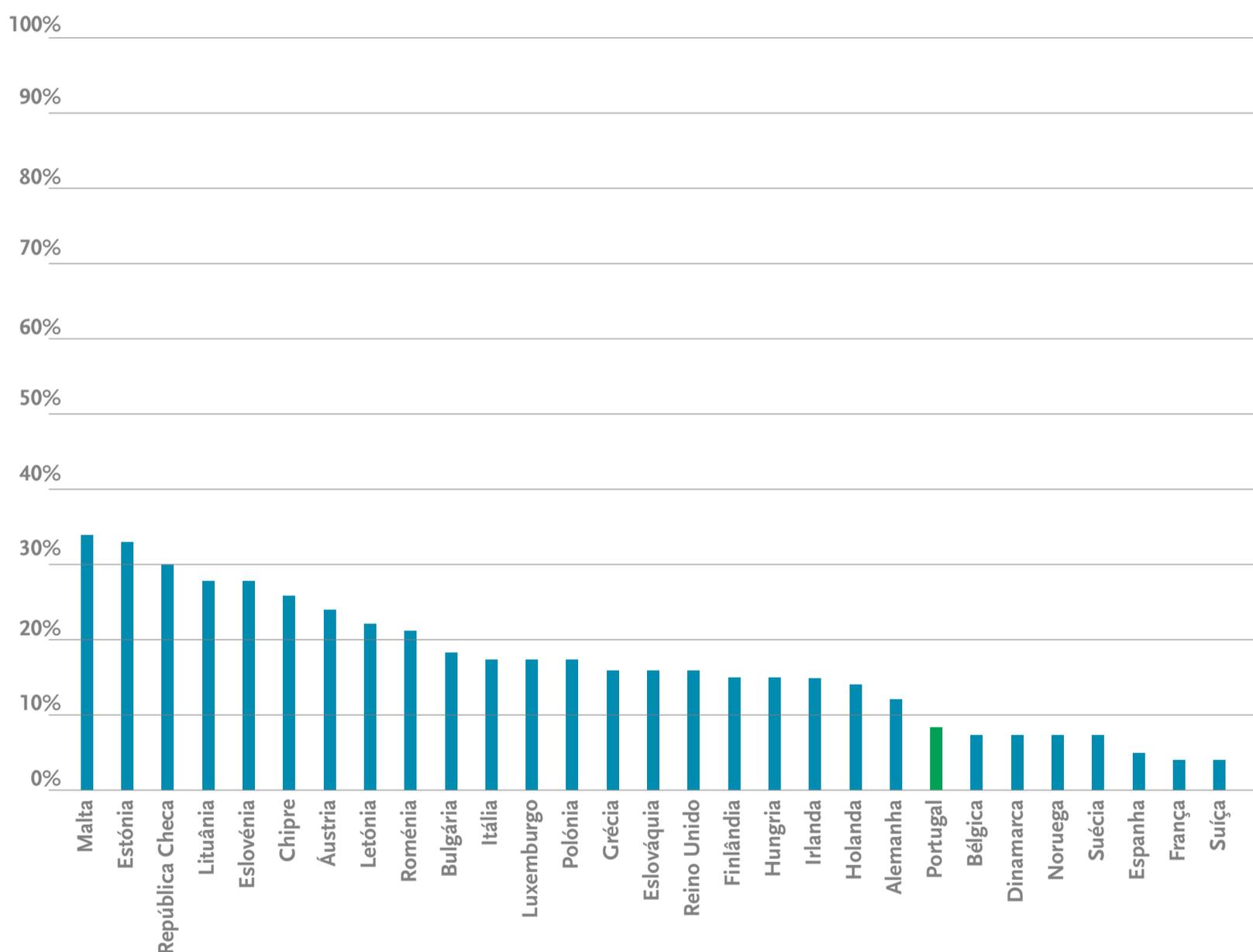
Gráfico 1B Não gostaria de ter como vizinhos: homossexuais (1990-2009) (%)



Fonte European Values Study

O caso dos trabalhadores imigrantes revela um cenário muito diferente. Enquanto alvo de preconceito, este grupo é muito mais poupado à manifestação de sentimentos negativos quando comparado com os homossexuais. Em 2008/2009 Portugal estava no grupo de países em que menos de 10% da população confessava não querer ter trabalhadores imigrantes como vizinhos. Malta, à data o país onde se registava mais antipatia por este grupo social, pouco passava dos 30%.

Gráfico 2A Não gostaria de ter como vizinhos: trabalhadores imigrantes (2008/2009) (%)

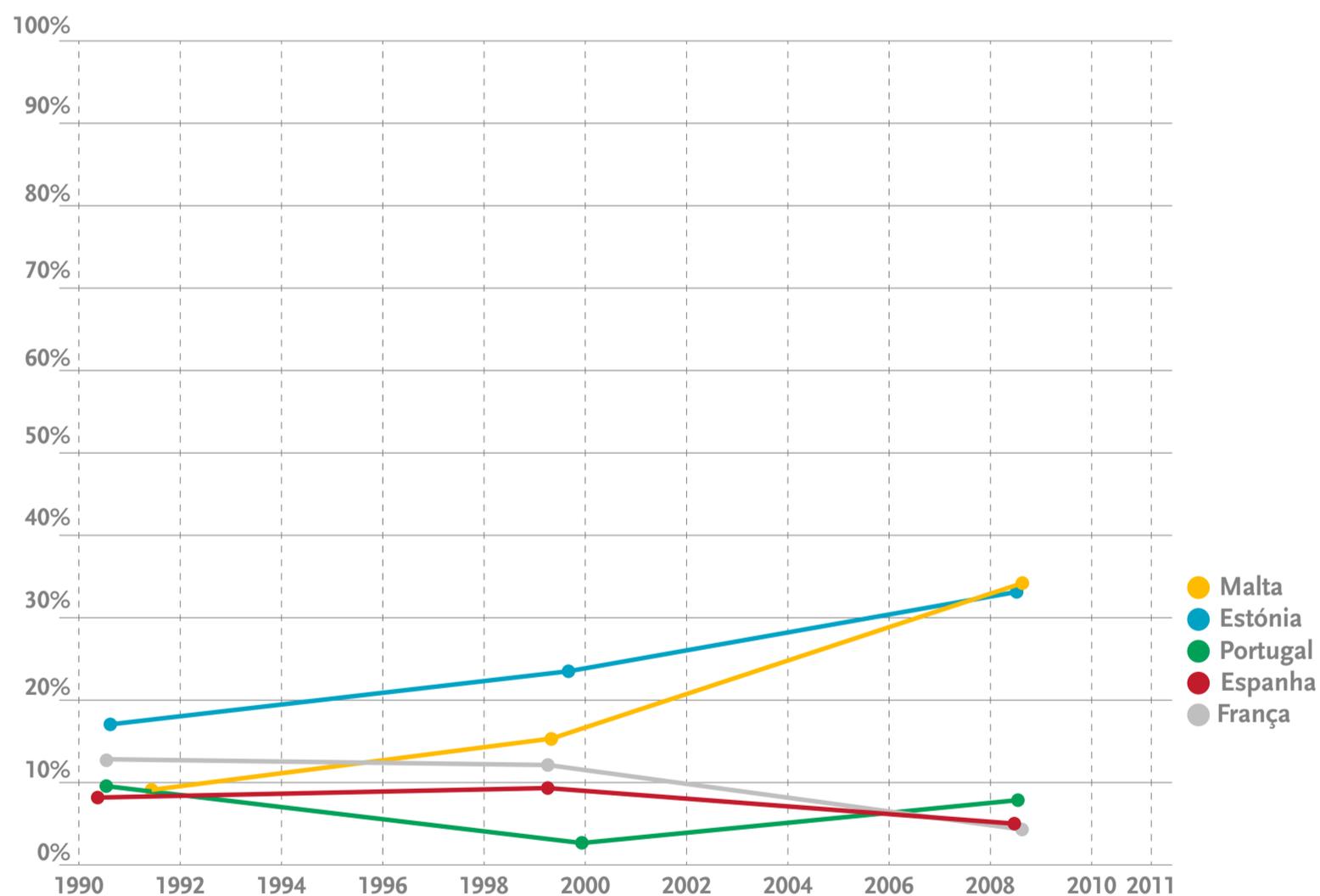


Fonte European Values Study

No entanto, ao contrário do que se observou relativamente ao grupo dos homossexuais, a evolução da atitude não seguiu um padrão semelhante em todos os países. Como podemos ver no gráfico 2B, os cidadãos

dos cinco países seleccionados revelavam em 1990 níveis de preconceito baixos e muito próximos (entre os 8% e os 17%). Em 1999/2000 as opiniões distanciam-se, distribuindo-se entre 4% e 23%. Nuns países a manifestação de preconceito aumentou (Estónia, Malta e Espanha), noutros manteve-se muito semelhante (França e Espanha), em Portugal diminuiu. Em 2008/2009, regista-se uma verdadeira clivagem entre países, com a França, a Espanha e Portugal a manterem-se abaixo dos 10 % (apesar de em Portugal se registar um ligeiro aumento de preconceito) e Malta e a Estónia acima dos 30 %.

 Gráfico 2B Não gostaria de ter como vizinhos: trabalhadores imigrantes (1990-2009) (%)



Fonte European Values Study

Duas perguntas surgem de imediato: *a)* como terá evoluído a imigração nestes países?; *b)* haverá uma relação entre presença de imigrantes e rejeição dos mesmos?

Para responder à primeira pergunta consultámos a PORDATA. A informação recolhida está resumida no quadro 1. Em Espanha a imigração aumenta substancialmente em 1999 e 2000, e regista uma diminuição expressiva quer em 2008, quer em 2009. Em Portugal, 1999 e 2000 foram anos de aumento, 2008 de redução (menos 36% de imigrantes do que no ano anterior), mas, ao contrário do que se passou em Espanha, em 2009 a imigração volta a registar um aumento. Em Malta, aumentou em 2000 e em 2008, e diminuiu em 2009. Na Estónia a taxa de imigração diminuiu sempre nos anos analisados. No caso de França os dados não nos permitem tirar grandes conclusões, a não ser que em 2008 houve um aumento de 3% no número de imigrantes relativamente ao valor registado no ano anterior. Portanto, a imigração evoluiu de formas muito diferentes nos países analisados, sendo Portugal o único país que registou um aumento da taxa bruta de imigração em 2009.

Quadro 1 Taxa bruta de imigração (taxa de variação) (%)

	Espanha	Estónia	França	Malta	Portugal
1999	56	-1	*	-3	20
2000	182	-97	*	31	10
2008	-25	-2	3	33	-36
2009	-32	-6	*	-20	9

Fonte PORDATA

Nota não há dados disponíveis para 1990/1991

* ausência de valor

A resposta à segunda pergunta tem sido procurada através de um conjunto de estudos desenvolvidos no ICS-UL com base em dados do European Social Survey (também disponíveis no POP). Estes estudos mostram, por exemplo, que Portugal é dos países onde há mais oposição declarada à imigração, mas mostram também que, nos países europeus, atitudes de maior ou menor oposição não estão associadas a mudanças nos fluxos imigratórios. Ou seja, a presença de imigrantes não é, por si só, factor desencadeador de atitudes negativas por parte da população de acolhimento.

A conclusão a nosso ver mais importante é que os portugueses mostram uma abertura cada vez maior relativamente aos dois grupos analisados. E isto pode ser indicador de uma mudança de valores, que tem vindo a acontecer muito lentamente nas últimas décadas. Dados do European Social Survey recolhidos desde 2002, de dois em dois anos, mostram que continuamos a ser um dos países europeus onde mais importância se atribui aos valores da conservação, isto é, os valores que apontam para a necessidade de manter as tradições e de obedecer à autoridade. Outros estudos mostram, ainda, que as pessoas que mais defendem estes valores são também aquelas que revelam maior preconceito relativamente aos dois grupos aqui analisados (homossexuais e imigrantes). Mas existe um movimento paralelo que, não contrariando necessariamente esta necessidade de conservação, promove os ideais do universalismo e do igualitarismo, valores que estão associados a atitudes mais inclusivas, de maior abertura a pessoas e modos de vida diferentes dos partilhados pela maioria.